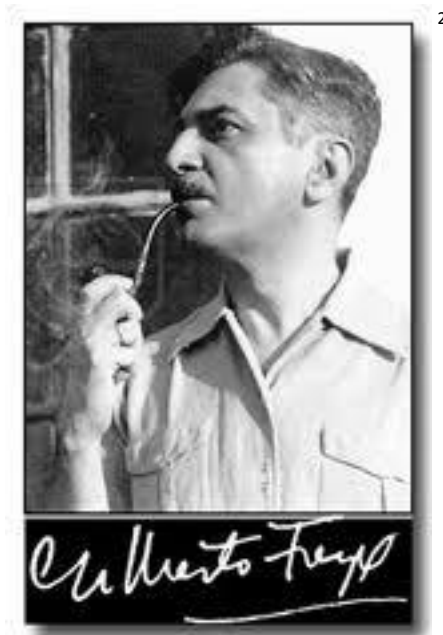


Os Sherlockismos de Gilberto Freyre

*Claudio Marcio Coelho*¹



Considero Gilberto Freyre um pensador enigmático, uma charada sensual, ou como escreveu o crítico Roberto Ventura: uma *Xerazade Tropical*. Quem porventura aceitar o desafio de investigar seu pensamento deverá resistir à tentação dos incautos, pois o mestre pernambucano sempre recusou os sectarismos e as rígidas ortodoxias; detestava os esquemas prontos e fechados; valorizava a conciliação e a relatividade do conhecimento.

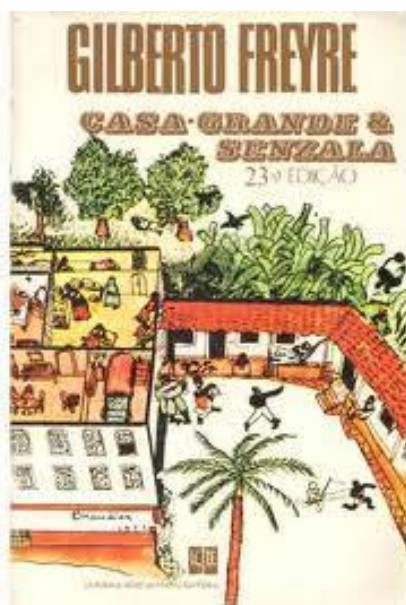
A obra freyreana revelou os brasileiros e suas emoções no cotidiano social, na intimidade da casa, nos comportamentos corriqueiros. Sua força está no ir além, pois mostrou como as estruturas econômicas, políticas e sociais foram vivenciadas no dia-a-dia, apresentando uma perspectiva inovadora para os parâmetros teóricos e metodológicos discutidos pelos precursores das ciências sociais no Brasil de 1930.

¹ Doutorando do programa de pós-graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES). E-mail: claudio_marciocoelho@gmail.com

² Fonte: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2004/ju265pag05.html - Acesso em 26-11-2012.

Como um pesquisador-detetive, investigou indícios acerca de nossa formação histórica a partir da análise de *cartas e arquivos de famílias, livros de etiqueta, cadernos de modinhas, livros de receitas de bolos e doces, coleções de jornais, pinturas, mobiliário, vestuário*, entre outros documentos e fontes extraoficiais. Infelizmente, os críticos não compreenderam o caráter não-convencional de seu método.

Na obra *Casa-Grande & Senzala* (1933), Freyre pensou o Brasil como uma sociedade *sui generis*, abrindo caminho para a moderna compreensão histórico-sociológica de nosso passado. Trata-se de um livro indispensável para o estudo da infância do Brasil, e que, apresenta aos brasileiros a radiografia de sua cultura e uma síntese interpretativa do caráter nacional. Sua agenda é atualíssima, com temas como intimidade, sexualidade, mulher, criança, ecologia, multiculturalismo... Sua obra também chamou a atenção de seus críticos por sua “metafísica social” de cunho relativista.



3

Freyre inovou ao desmistificar tabus e preconceitos, ao considerar o índio e o negro como co-colonizadores do Brasil. Interpretou a miscigenação como um fator positivo e reconheceu a centralidade da escravidão na formação da sociedade brasileira. A concepção freyreana deste influxo recíproco entre a cultura colonizadora e a cultura dominada assemelha-se a

³ Fonte: http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=CasaGrande+&+Senzala+<r=c&id_perso=2354 - Acesso em 26-11-2012.

ideia de *circularidade da cultura* proposta por Mikhail Bakhtin. Ademais, a maior contribuição de seu pensamento político, talvez seja sua constatação de que o Brasil de 1930 não era um país de brancos, negros ou índios, mas uma sociedade miscigenada, uma nação híbrida. Sua defesa da conciliação racial virou cultura política e transformou-se em senso comum. Gilberto defendeu a tese inovadora de que “ser mestiço é que é bom”. Posição reconhecidamente radical em um contexto de acirramento do nazismo e do fascismo na Europa e de restrição dos direitos humanos dos negros nos EUA.



A “educação sentimental” absorvida pelo contato com professores, artistas e escritores – durante seus estudos nos Estados Unidos e na Europa – contribuiu para sua postura simultaneamente “insider” e “outsider” de antropólogo e nativo (segundo Roberto Da Matta) e para a ausência de “vergonha” ou de “falta de inibição” (ou ainda de “desrecalque” como diria Antônio Candido) pelos detalhes da vida íntima: traço peculiar da narrativa freyreana que diferencia sua obra da sociologia uspiana.

Gilberto Freyre interpretou a paisagem histórico-social brasileira com a sensibilidade própria dos grandes retratistas e lançou mão da ciência, da poesia e da emoção para descrever momentos marcantes de um passado inesquecível. Seria um exagero considerá-lo o Sherlock Holmes das ciências sociais brasileiras? Talvez seja! Mas, o que muitos não sabem, é que

⁴ Fonte: <http://agendaculturalpiracicabana.blogspot.com.br/2011/04/os-brasileiros-que-fizeram-historia-do-ht ml> - Acesso em 26-11-2012.

Freyre foi um leitor voraz dos contos de romance policial de Arthur Conan Doyle. E que assumia a postura de um detetive incansável e ávido na busca de pistas reveladoras: – *Seja Sherlock! Seja Sherlock!* Recomendava o grande mestre de Apipucos (Recife-PE).